

* Pesquisadora Indígena, pertencente a etnia Mura do Médio/Amazonas. Formada em Licenciatura em Pedagogia - Manaus/AM. Possui Especialização em Orientação Educacional pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) sob a Orientação do Prof. Dr. Pablo Quintero. Membro do Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (NIT-UFRGS) e pesquisadora em comunidades indígenas urbanas, atuando como bolsista pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Seus interesses estão nas áreas de estudos de etnologia indígena e as teorias Pós-coloniais. Tem experiência com projetos educacionais, desenvolvidos em escolas públicas e privadas (Manaus/AM), atuando como Professora e Orientadora Educacional (Manaus/AM e Porto Alegre/RS). Atualmente acompanha Projetos Sociais na região Metropolitana de Porto Alegre como religiosa da Congregação das Irmãs da Divina Providência. É membro da Rede Afro-Indígena de Porto Alegre/RS e da Organização brasileira para economia de Francisco e Clara (ABEFC).

E-mail: elisidp@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-9507-9270>

** Possui graduação em Licenciatura Plena Em Pedagogia pela Universidade de Passo Fundo (1994), Pós-Graduação em Psicopedagogia por Faculdades Integradas Severino Sombra (1995) e em Fundamentos da Educação (1998) pela Universidade do Oeste de Santa Catarina e mestrado em Psicopedagogia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2002). Atualmente é diretora da unidade da Faculdade da Fronteira.

E-mail: lucilaidp@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-8205-6205>

Recebido em 18/10/20

Aprovado em 03/02/21



Este artigo está licenciado com a licença: Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.

MULHERES QUE LUTAM

Comunidades periféricas como espaço de transformação pessoal e coletiva à luz do feminismo bíblico

WOMEN WHO STRUGGLE

Peripheral communities as a space for personal and collective transformation in the light of biblical feminism

*Elis Alberta Ribeiro dos Santos**

*Lucila Tresinha Mai***

Resumo: O presente artigo tem como objetivo dar visibilidade à luta de mulheres, inseridas em espaços sociais de comunidades periféricas da Região Metropolitana de Porto Alegre/RS, tendo como base a leitura feminista da bíblia. Visa-se trazer à tona os problemas sociais que afetam estas mulheres, agravados pelo poder e ação patriarcal que continua oprimindo e silenciando as vozes femininas, pelo qual, historicamente foi-lhes negado a participação efetiva em espaços políticos, sociais, econômicos e religiosos. Urge a necessidade de serem ouvidas e retomarem suas vidas, por vezes, subalternizadas por uma sociedade “moderna” que discrimina e fragiliza suas lutas diárias. Nessa perspectiva, compreende-se que as comunidades periféricas organizadas, se apresentam como portadoras de oportunidades para que se criem espaços de acolhida, escuta e atividades empreendedoras, de modo que se possibilite a emancipação pessoal e do coletivo feminino. Este é um projeto desenvolvido pelas Irmãs da Divina Providência, que conta com uma equipe técnica formada por educadoras/es, coordenadoras de núcleos, psicóloga, assistente social e voluntárias/os.

Palavras-chave: Emancipação. Mulher e Feminismo bíblico.

Abstract: This article objects to give visibility to the struggle of women, inserted in social spaces, from peripheral communities in the Metropolitan Region of Porto Alegre/RS, based on the feminist reading of the Bible. It wants to bring out the social problems that affect these women, aggravated by the patriarchal power and action that continues to oppress and silence female voices, in which, historically, they have been denied effective participation in political, social, economic and religious spaces. There is an urgent need to be heard and to resume their lives, sometimes subordinated by a “modern” society that discriminates and weakens their daily struggles. In this perspective, it is understood that the peripheral organized communities, present themselves as carriers of opportunities, so that spaces of welcome, listening and entrepreneurial activities are created in a way that allows the personal and collective emancipation of women. This is a project developed by the Sisters of Divine Providence, which has a technical team made up of educators, center coordinators, psychologist, social worker and volunteers.

Key Words: Emancipation. Women and biblical feminism.

INTRODUÇÃO

Nos moldes de uma sociedade androcêntrica¹, romper com o patriarcado tornou-se um dos sinônimos de luta dos movimentos feministas no Brasil e fora dele. Com o advento de novas teorias nos ramos das ciências sociais e humanas que questionam pesquisas androcêntricas, epistemologias feministas têm ganhado força, ocupando um lugar de fala. Nessa perspectiva, o objetivo deste artigo é trazer as vozes e atuação de mulheres, que se reúnem em núcleos, para realização de projetos sociais inseridos em bairros periféricos, na região metropolitana de Porto Alegre/RS. Toma-se como ponto de referência profetizas bíblicas e mulheres que tiveram significativas atuações na luta, pela libertação dos corpos femininos, dentre elas; Elisa Salerno, Elisabeth Fiorenza, Silvia Federici e, com destaque especial, Marielle Franco, que foi vítima de feminicídio e em quem, as mulheres muito se identificam. Demarcar a importância do espaço geográfico de inserção dos corpos femininos, como um espaço sagrado para transformação pessoal e coletiva é também um dos objetivos deste trabalho.

As vozes etnográficas ecoadas neste artigo decorrem de um movimento que teve um impulso inicial propositado no trabalho das Irmãs da Divina Providência², que já há um bom tempo, juntamente com educadoras/es, vêm desenvolvendo um trabalho de oficinas com crianças e adolescentes, no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, no morro Aparecida/Viamão, bairro Umbú/Alvorada e bairros Guajuviras e Rio Branco/Canoas. A partir dos espaços oferecidos para as crianças e adolescentes sentiu-se a urgência de juntar os anseios das mulheres que estão inseridas e vivem nestas realidades, promovendo espaços de encontros, partilhas e empreendedorismo, para também compreendermos que nossos corpos estão vinculados às regiões periféricas, construídas pelo sistema capitalista, que oprime e marginaliza pessoas, silenciando vozes femininas, seja nos espaços políticos, sociais e religiosos.

Nessa perspectiva servirão como memória e serão retratados aqui exemplos de mulheres que leram a Bíblia e a história de maneira inovadora e encontraram chaves de leituras, isentas de fanatismo e fundamentalismo, como fontes reveladoras da força e atuação das mulheres na história humana, visibilizando a presença feminina, em meio à história oficial, historicamente marcada pela tradição masculina. Toma-se por inspiração estas mulheres e outras que viviam e vivem no anonimato das regiões periféricas, citadas acima. Esta visão imprime força para uma atuação emancipadora, rompendo com as formas que personificam o patriarcado. Tornam-se, assim, mentoras e emancipadas nas escolhas de caminhos para as suas próprias vidas.

A semente plantada no chão da vida

Registrar as memórias de um trabalho idealizado conjuntamente, abre possibilidades para partilhar as belezas de quem, a partir de uma saudável convivência, ressurgem das cinzas, como verdadeiras fênix que lutam pela vida. São mulheres que viviam na clandestinidade e, a partir do convite de outras mulheres sábias, educadoras, juntas, vêm fazendo um caminho de emancipação. Nas palavras de uma das coordenadoras de grupo:

- 1 Em uma visão androcêntrica de mundo e de História, o homem tem o benefício de representar o ser humano, quando este engloba todos os gêneros. Os seres humanos podem ser chamados de “os homens”, mesmo sabendo-se que há mulheres no conjunto. Ele representa a ele mesmo, e também ele e ela simultaneamente. Em uma metáfora biológica, é como se o “ele” fosse o gene dominante, enquanto o “ela” é apenas uma fração secundária de sua espécie. Nunca se chama o ser humano de “a mulher”. Ela só pode representar ela mesma, nunca ele e ela juntos. É como um gene recessivo (Lucila B. NASCIMENTO, *A desconstrução da história androcêntrica e o empoderamento de mulheres*, p.5-6).
- 2 A Congregação das Irmãs da Divina Providência realiza um trabalho de assistência social, através da Rede Divina Providência de Ação Social e Cidadania (REDIPASC), com sede no município de Canoas/RS. Atende três Casas Lar em Canoas e quatro projetos sociais nos municípios de Viamão, Alvorada e dois em Canoas.

“Fazer ressurgir da brasa o fogo da vida, que existe escondido em cada mulher deste espaço subjogado pela sociedade moderna”.

Este projeto surgiu a partir da liberação dos espaços eclesiais disponibilizados pelas paróquias: Santa Isabel/Viamão, Nossa Senhora Desatadora dos Nós/Alvorada, Nossa Senhora Aparecida e Santo Antônio/Canoas, para que as Irmãs da Divina Providência, pudessem oferecer às crianças e adolescentes dessas comunidades, um ambiente de promoção social e defesa da vida, conforme a Lei 12.435/2011 que atualizou a redação da Lei da Organização da Assistência Social de 1993 (LOAS)³. Mesmo que o trabalho junto às crianças e adolescentes viesse sendo realizado com foco no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo⁴, visando um processo de integração pessoal e coletiva, com atividades formativas e culturais, todo o empenho não era o suficiente para fortalecer as famílias dessas comunidades periféricas e gerar uma transformação social.

Um dos fatores é o descaso do sistema econômico que as torna vulneráveis e vítimas da desigualdade social que assola estas regiões periféricas. Conforme constatado na prática, na sua maioria, são mulheres pobres, chefes de família e que não conseguem o suficiente para comprar comida, com baixa escolaridade, sem a formalização do vínculo trabalhista. Outras ainda, são mulheres que morrem ao procurar abortos clandestinos, são mulheres espancadas; mulheres que lutam, criando seus filhos sozinhas; mulheres que se tornam alvos de ataques racistas. Para muitas a luta termina por leva-las ao assassinato. Pessoas LGBT+⁵ também encontram neste ambiente um espírito de acolhida, no qual podem falar de suas dores e sobre os preconceitos que sofrem. São estes retratos concretos e duros que precisam encontrar espaços para se tornarem visíveis, debatendo sobre questões de gênero e, principalmente, trazendo para as pautas as sérias consequências, decorrentes das violências que esses grupos sociais têm enfrentado nas periferias das cidades.

A Lei 11.340/06, Lei Maria da Penha⁶, tem como principal objetivo criar e estabelecer os mecanismos necessários para coibir a violência doméstica e familiar contra as mulheres, uma das formas mais graves de violação dos direitos humanos. Esta e outras leis, de proteção às mulheres, são extremamente importantes e se faz necessário que cheguem ao conhecimento de todas as mulheres, para que possam, não apenas tomar

3 A promulgação da Lei Orgânica da Assistência Social, em dezembro de 1993, regulamentando a Constituição Federal, representou o reconhecimento da política pública de Assistência Social sob responsabilidade do Estado e deu início a uma das mais ricas trajetórias de política social em nosso país [...]. Este processo ganhou um novo marco histórico com a aprovação, em 2011, da Lei nº 12.435 de 2011. Com a nova Lei, o Sistema Único de Assistência Social – SUAS, passa a integrar plenamente o escopo da Lei Orgânica da Assistência Social. São importantes mudanças abrigadas no texto legal que acolhem os aspectos mais relevantes da construção recente do SUAS, ocorrida especialmente nestes últimos 7 anos, após a aprovação da Nob-SUAS (Norma Operacional Básica) pelo Conselho Nacional de Assistência Social.

4 O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV, é um Serviço da Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social - SUAS. A REDIPASC desenvolve esse serviço nas unidades de segunda à sexta-feira, no contraturno escolar, de forma a complementar o trabalho social com famílias, realizado por meio do Serviço de Proteção e Atendimento Integral às Famílias - PAIF. É uma forma de intervenção social planejada que cria situações instigadoras, estimulando e orientando os usuários na construção e reconstrução de suas histórias de vida, vivências individuais, coletivas e familiares, cuja a finalidade é a prevenção do trabalho infantil e todas as formas de violências e vulnerabilidades. Prioriza-se especialmente as atividades lúdicas e recreativas, em formas de oficinas, no reconhecimento de que toda criança e adolescente tem o direito ao lazer, convivência e cultura, garantidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, sendo sua efetivação um dever da família, da comunidade e a sociedade em geral. Este trabalho é realizado em redes, em parceria com o poder público e a Igreja local.

5 De acordo com Botelho (2020), ao longo dos anos, as siglas do movimento, LGBT, sofreram mudanças para englobar todas as identidades de gênero, afinal, seu principal objetivo é unir as pessoas que fazem parte dessa comunidade e fazer com que elas se sintam representadas: G: Gays; L: Lésbicas; B: Bissexuais; T: Travestis; transexuais e transgêneros; I: Intersexuais; P: Pansexuais; Q: Queer; A: Assexuais; +: Sinal utilizado para incluir pessoas que não se sintam representadas por nenhuma das outras oito letras.

6 A Lei 11.340/06, Lei Maria da Penha, cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências.

consciência de seus direitos, mas especialmente denunciar os abusos cometidos aos seus corpos, à sua moral psicológica e assim lutar contra todas as formas de violências.

De acordo com Federici⁷, a “caça às bruxas” que matou mulheres no passado permanece atual. Para esta filósofa, as leis não são suficientes para combater a onda de *violência contra as mulheres*. Além da camada jurídica, é preciso entender as origens, causas e sintomas que se manifestam e estruturam a base da sociedade capitalista. Surge a necessidade de uma releitura sobre a história: “As mulheres tiveram maior probabilidade de serem vitimizadas porque foram as mais “destituídas de poder”. Nesse sentido, Federici propõe que a “acumulação primitiva” possui uma face obscura que gera opressão histórica às mulheres.

Calibã e a bruxa, de Sílvia Federici, é uma obra clássica do feminismo anticapitalista. O livro examina o investimento do capitalismo no sexismo e no racismo, mostrando como a consolidação do sistema capitalista dependia da subjugação das mulheres, da escravidão dos negros e indígenas e da exploração das colônias. Federici demonstra que o trabalho não remunerado – especialmente o das mulheres confinadas ao ambiente doméstico e dos trabalhadores escravizados – é um suporte necessário ao trabalho assalariado⁸.

Ainda para a Autora, olhar a história sob a perspectiva das mulheres, nos diz o porquê em vez de estar ligada de alguma forma às dinâmicas desencadeadas pelo capitalismo, a libertação surge da luta e da resistência autônomas contra essas dinâmicas.

Ao compreender os direitos da mulher como parte integrante dos Direitos Humanos, presentifica o alerta para a histórica discriminação que as mulheres sofreram e sofrem, através de um discurso que se moderniza, mas se repete e faz com que alguns direitos humanos, mínimos, como a integridade física, psíquica, liberdade de ir e vir, e acesso ao direito legal, não sejam garantidos efetivamente⁹.

Por esta razão, este trabalho de conjunto conta com ajuda de vários profissionais que desempenham um papel importante, tanto no acompanhamento como na oferta de uma formação profissional. O projeto conta com uma psicóloga, coordenadoras/es dos projetos Sociais (com formação na área da assistência social e pedagogia), assessorias jurídicas, monitorias de cursos de capacitação e empreendedorismo e de outras áreas afins. Em conjunto todos atuam para que realmente se viabilize emancipação e a resiliência.

1.1 O aproximar das mulheres hoje

O sonho de reunir estas mulheres, gradativamente, foi ganhando corpo e se concretizando. Um primeiro encontro foi preparado e conduzido de forma atraente, com dinâmicas variadas, uma calorosa acolhida, descontração, linguagem acessível. Este e os demais encontros aproximaram o coração dessas mulheres, facilitando a comunicação e a relação de confiança.

O desenvolvimento do projeto trouxe em seu bojo descobertas positivas. Estar junto a estas mulheres, através da linguagem que elas utilizam no cotidiano, abre possibilidades de romper barreiras e fazer despertar as vozes silenciadas pelo medo, vergonha e incertezas. Nestas vozes se personificam os sonhos e as situações que as afligem, impulsionando-as a emergir e imergir no espaço de acolhida que o grupo lhes proporciona.

Construir um cotidiano solidificado nos sonhos e nas esperanças foi um dos desafios. Para tanto, fez-se necessário promover encontros que visassem, entre outros objetivos, a construção de um diagnóstico.

7 Sílvia FEDERICI, *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

8 Jodin DEAN, *A exploração das mulheres e o desenvolvimento do capitalismo*, p.1.

9 Lei Maria da Penha - Lei 11.340/06.

Partindo deste movimento surgiu a ideia da ampliação do projeto para “Pastoral da Mulher marginalizada X Cultura do Encontro e transformação numa Igreja Sinodal”. Com as palavras chaves: mulheres bíblicas, empoderamento feminino, transformação. Os principais objetivos que deram norte ao projeto são:

I - Em um diálogo e entreaajuda, incentivar encontros com as mulheres visando o empoderamento e fortalecimento do feminino, trabalhando a autoestima, estimulando o autoconhecimento pessoal.

II - Ampliar o círculo de amizade, apoiando o fortalecimento interior das mulheres que buscam o resgate da identidade pessoal de vida.

III - Olhar no espelho do passado que reflete o presente, para aprender, com os exemplos de mulheres da Bíblia, os traços e atitudes de mulheres fortes que podem ajudar a transformar a realidade que as envolve.

Desde o início o projeto teve como meta atender aos desafios de um novo jeito de evangelização junto às mulheres ocultadas pela sociedade, apostando no poder existente em cada mulher. Os textos bíblicos, relacionados ao contexto, contemplando uma hermenêutica crítica feminista, serviram e servem como iluminação para a compreensão da realidade e para o enfrentamento do cotidiano destas mulheres. A partir destas experiências, visasse agregar outras que podem ser tocadas e movidas para esse processo de libertação pessoal e coletiva.

Constatou-se no desenvolvimento do projeto que mulheres que carregavam nos ombros a marca da história do sistema, alicerçado no patriarcado, sentiam-se tristes, desamparadas, sozinhas. Eram e são situações que estavam e estão presentes na vida da maioria dessas mulheres, que subiam, sobem, desciam e descem a ladeira do bairro em meio aos lixos espalhados, caminhos cheios de sulcos rasgados pelas chuvas, enlameados e com odor quase insuportável¹⁰. Rostos feridos, machucados pelo descaso. Ter um lugar onde se dizer, perceber a existência do eco foi importante para o início de uma nova história.

Muitos são os testemunhos, após terem vivenciado e experimentado os encontros. os envolvimentos em espaços programados a partir da realidade de vidas sofridas. No âmago portam um sonho e um vigor inestimável. Trazemos presentes ecos de superação e resistência através do acolhimento de alguns testemunhos:

“Não somos mais as mesmas, hoje nós nos reconhecemos, uma olha para a outra, uma ajuda a outra o que antes não acontecia, antes tínhamos medo uma da outra, cada uma guardava um silêncio para si...”

“Foi algo que foi acontecendo aos poucos e foi superando nossas expectativas, enfim no primeiro encontro foram 20 mulheres, depois 40, sem demora tinha 60. Em cada encontro a gente vê que gerou grandes mudanças em nossas vidas”.

“Infelizmente por causa da pandemia, nós não podemos nos encontrar e está fazendo falta, e posso dizer que esse grupo mudou muita coisa na minha vida, porque eu me sentia isolada, sozinha, e muitas vezes sem o que fazer. Eu como sou uma pessoa despojada, me juntei aqui e ficou maravilhoso, se vocês não têm nos seus bairros, peçam para fazerem, pois aqui além de ter um espaço para nossos filhos, tem um espaço para nós também, um espaço de cuidado e carinho”

“O que foi mais gratificante pra mim, foi a proximidade das moradoras e nesses encontros que são proporcionados para nós, a gente conversa, a gente conhece a necessidade umas das outras e isso nos uniu. Como moramos numa comunidade pobre, foi importante pois nos aproximou e fortaleceu”.

¹⁰ Realidade das mulheres do grupo do morro Aparecida de Viamão/RS.

Esses ecos vêm com esperança, nutrida pela reflexão bíblica e pelas possibilidades empreendedoras e emancipadoras que são construídas junto às mulheres. De pequenos gestos, gradativamente, vão surgindo sinais de ressurreição, de vida que se entrelaça com outras vidas, como as de seus filhos e de outras companheiras de caminhada.

São expressões de tantos outros rostos, como das mulheres encontradas por Jesus de Nazaré, narrados nas Escrituras, apontadas por Teólogas Feministas, como sinal do Reino de Deus. A representatividade de mulheres que se dedicam ao aprofundamento dos estudos bíblicos, define características importantes no movimento feminista na Teologia. Elegemos algumas delas, em virtude de terem contribuído na linha de pensamento e na filosofia de vida desses grupos de mulheres as quais referenciamos no projeto desenvolvido.

A motivação para soprar as cinzas e encontrar forças para essa retomada de vida, surge da Palavra de Deus. Pela Palavra reinterpretada essas mulheres deixam-se iluminar. Os estudos, reflexões e revelações as impulsionam a buscar novos modos de viver as relações humanas, a igualdade e a diversidade. Cada uma age com o intuito de reconhecerem-se. A partir da experiência de fé e da ciência que caminham juntas, descobrem suas potencialidades e a grande força impulsionadora de um valor imprescindível que vem de Deus Uno e Trino. É a Providência que age e transforma vidas.

Mulheres bíblicas como Marta e Maria (Lc 10,38-42), a Mãe de Jesus (Lc 1,1s), Maria Madalena (Jo 8,1-11), a mulher samaritana (Jo 4,5-42), a mulher encurvada (Lc 13,10-17), a Cananéia (Mt 15,21-28), não poderiam faltar neste movimento tão especial. A identificação com estas mulheres, é o que ajuda a tirar a venda dos olhos e enxergar a realidade e o poder existente em cada ser: No dizer de uma das coordenadoras do grupo: *“Fazer emergir o poder dos sonhos e da resiliência”*.

1.2 Mulheres idealizadoras

Todo este processo, aparentemente muito simples, gerou um movimento de buscas de alternativas para efetivação da proposta. Trabalho árduo, que exige outras fontes de conhecimentos em especial de mulheres, teólogas feministas, que com coragem, demonstraram por suas ações a batalha pela busca da verdade, da justiça e igualdade de gênero. Mulheres idealizadoras e de resgate da presença e da visão feminista da Bíblia e de seus ensinamentos, que sem temor denunciaram as contradições, levando adiante uma leitura emancipadora e igualitária das Sagradas Escrituras. Mulheres que, por suas ações, marcaram a história.

Elisa Salerno (1873-1957), entre outras, é uma dessas mulheres sábias, que encontrou nas lacunas da interpretação bíblica os fundamentos da exclusão feminina. Com muito empenho buscou novos modos de fundamentar o bem viver, a partir de um intenso e consciente envolvimento. No processo, descobre que a Palavra precisa estar conectada com a vida e é este o segredo do saber e do sabor.

Elisa Salerno, mulher que aparece nas bibliografias quando se vasculha a história da luta pela libertação das mulheres, foi chamada de feminista cristã, dedicando toda a sua vida pela afirmação da dignidade da mulher, lutando contra todos os componentes sociais da época (primeira metade do século XX) que mantinham as mulheres em situação de inferioridade: o capitalismo liberal que as explorava com cargas de trabalho muito pesadas e baixa remuneração; o conservadorismo católico baseado na sujeição da mulher em todos os organismos da Igreja; a mentalidade da superioridade do homem sobre a mulher. De acordo com Elisa:

Fazer feminismo em Vicenza é o mesmo que querer cavar a terra com pregos para encontrar um filete de água para matar a sede”. Há conservadorismo, desprezo em praticamente todos os lugares. Nas próprias mulheres encontrou pouca colaboração em suas lutas: Será que ninguém se sente capaz de escrever algumas linhas expondo seus julgamentos, suas ideias e sentimentos sobre a condição da mulher, sobre suas necessidades, sobre seus deveres e direitos?¹¹.

Conforme Salerno, “ser feminista significa querer o aperfeiçoamento e a elevação das mulheres na ordem doméstica, econômica, civil, intelectual, de acordo com os direitos que lhes pertencem” e, contrariamente, “ser antifeminista significa antes querer o *status quo*, que a mulher, mesmo no futuro como hoje, deprimida e explorada, está destinada a sofrer sempre”¹². Urge a necessidade da tomada de consciência, da luta pela libertação e a proclamação do direito de ir e vir, direito de ser, direito de colocar suas potencialidades e de exhibir as belezas presenteadas pelo Criador.

Hoje, a mesma história prolongada ao longo de tantos séculos, se repete. Os estigmas são encontrados vivamente nas mulheres, cujas condições de vida as colocam em situação de vulnerabilidade. São mulheres negligenciadas pela sociedade, pelo estado e pelo poder patriarcal ainda instituído pelas mais diversas instituições.

Assim como Elisa Salerno, a marca de outras mulheres sábias nunca se exauriu e retoma vigor, nos dias atuais, como os estudos e as reflexões de teólogas que impulsionam suas igrejas a buscar novos modos de viver a igualdade e a diversidade, com o intuito de reconhecer na diversidade um valor imprescindível para a fé no Deus Uno e Trino.

Maria Clara Bingemer é professora do Departamento de Teologia da PUC-RJ e decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da mesma universidade. Ela é graduada em Jornalismo, Mestre em Teologia e doutora em Teologia Sistemática, com vários livros publicados, dentre eles, destacamos a obra: “*Experiência de Deus em Corpo de Mulher*”. O livro é uma coletânea de artigos sobre a questão de gênero e da teologia sobre o desafio de pensar Deus desde a ótica da mulher. A mística baseada no sagrado feminino apresenta a maternidade de Deus que interage com suas filhas amadas.

Outra teóloga biblista feminista é Elisabeth Fiorenza, conhecida a nível Internacional. A teóloga, depois da Segunda Guerra Mundial, foi para Alemanha. Ali foi uma das primeiras mulheres católicas a se formar em teologia, doutorando-se na área da Bíblia. Desde 1970 vive nos Estados Unidos e ensina exegese/interpretação bíblica feminista (atualmente na Divinity School da Universidade de Harvard, Cambridge, Mass.) e em outros países do mundo. Ao longo de sua vida, Fiorenza desenvolveu uma abrangente metodologia de interpretação bíblica feminista crítica e libertadora, que ela apresenta com paixão e primor em seu livro *Wisdom Ways (Caminhos da Sabedoria)*, publicado em 2001.

Ivone Gebara é brasileira, freira feminista. Pertence à Congregação das Irmãs de Nossa Senhora – Cónegas de Santo Agostinho– e por décadas viveu no Nordeste do Brasil, numa vida de “inclusão” no meio popular. De dentro da Igreja procura mudá-la. Dedicou-se, fundamentalmente, a partir de uma teologia feminista, desconstruir o direito natural, patriarcal e machista que a hierarquia católica pretende impor. Entre as obras, encontra-se o livro que no momento oferece reflexões apropriadas para os trabalhos: *Trindade, palavra sobre coisas velhas e novas. Uma perspectiva ecofeminista*.

Estas mulheres, teólogas feministas, contribuiram através de seus escritos, para promover novas maneiras de interpretações bíblicas, tendo por premissa a perspectiva

11 Elisa SALERNO, *Una penna inquieta*, p.114.

12 Elisa SALERNO, *Una penna inquieta*, p.191.

feminista. Não é difícil para as mulheres, que fazem parte dos grupos, identificarem-se nas reflexões abordadas e demonstradas pelas autoras acima nominadas, nas inquietações, nas buscas de respostas, principalmente quando conseguem perceber e resgatar a atuação libertadora do feminismo bíblico, para descobrir as dinâmicas do Reino anunciadas por Jesus.

E assim vão se colocando em movimento para ocuparem outros espaços, que são os espaços de anúncio. A partir do encontro com o Messias, do encontro consigo mesma, tornam-se semeadoras do Reino de esperança e de amor, parafraseando o que consta no Livro de João, verbalizado pela mulher samaritana: “Venham ver quem que me disse tudo o que eu fiz!” (Jo 4,29). Eis a dinâmica de um processo que é libertador.

1.3 A formação Bíblica e a hermenêutica feminista

Jesus com gestos e palavras acolhe e integra as mulheres na vida social, olhando-as com ternura, defende sua dignidade e as acolhe como discípulas. Jesus rompe tabus e preconceitos, se aproxima delas sem nenhum temor, até se deixando acariciar por elas. Ele ofereceu às mulheres relações sociais bem contrárias às do androcentrismo da época. Ele enaltece mulheres meretrizes (Mt 21,31); mulheres pobres (Lc 21,1-4); as defende em ocasiões em que são acusadas (Mc 14,3ss); cura os doentes mostrando compaixão com as mães (Lc 7,11-19); lhes dá acesso ao saber religioso (Lc 10,38-42); lhes dá acesso ao discipulado (Mc 15,40s) e aceita sustento de várias mulheres (Lc 8,1-3).

Segundo Arns (2004)¹³, os quatro evangelhos retratam o papel das mulheres em relação a Jesus, especialmente durante seu ministério. Embora Lucas apresente narrativas em que as mulheres aparecem subordinadas ao homem, coloca em destaque também Jesus dando atenção às mulheres. É exclusivo do evangelho Lucano: o cântico de Maria (1,46-56), a pecadora perdoada (7,36-50), a narração de Marta e Maria (10,38-42), a mulher que procura a moeda perdida (15,8-10), a mulher encurvada (13,10-17), Jesus consolando as mulheres (23,27b-29).

É possível evidenciar essa presença feminina na genealogia de Mateus e no evangelho da infância de Lucas. Em Marcos todas as mulheres creram em Jesus com exceção de Herodíades e sua filha. Em João vemos o evangelista dar atenção especial às mulheres. Ali elas aparecem bastante envolvidas por sua mensagem e tornam-se anunciadoras do Reino. Acima de tudo, elas emolduraram a vida de Jesus desde o seu nascimento até a sua morte e ressurreição¹⁴.

Na árvore genealógica de Jesus apresentada por Mateus, vamos encontrar quatro nomes de mulheres que foram matriarcas da história do povo de Israel: Tamar, Raab, Rute e Betsabeia. De acordo com Arns (2004), a história das mães em cada geração mencionada no texto (Mt 1,1-17) garante a futura realização da nova Aliança, através de Jesus Cristo, centro da história da salvação.

A última mulher que aparece na genealogia de Jesus é Maria, a mãe do Salvador. Maria abre as portas para a realização do projeto de Deus em sua vida ao ouvir a saudação do anjo Gabriel: “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!” (Lc 1,28b). Mesmo sem entender, sentiu-se envolvida pelo anúncio do anjo e depois de um diálogo colocou-se a serviço do Reino: “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra!” (Lc 2,38b). Em Maria é manifestada a glória de Deus para redenção do mundo, a vinda do Messias é concretizada no seu *Sim*. Uma resposta de amor e cumprimento a vontade de Deus.

¹³ Paulo Evaristo ARNS, *Mulheres da bíblia*, p.22.

¹⁴ ARRUDA, *Mulheres na vida de Jesus: a história das primeiras discípulas*, p.25.

Ainda no Capítulo 1, do evangelho de São Lucas, aparece Isabel (Lc 1,39-45.56), prima de Maria, que era estéril, no entanto, Deus também realiza nela sua obra de vida. Isabel é escolhida para ser a mãe de João Batista, que vai preparar o caminho do Messias, tão esperado pelo povo de Israel.

Maria vai às pressas à casa de Isabel. O encontro das duas primas representa a possibilidade da intervenção de Deus em meio à história da humanidade. Maria grávida de seis meses canta as maravilhas que Deus realiza em sua vida. É agraciada por ser a mãe do filho de Deus. Magnificat (Lc, 1,46-55) é o canto de Maria que manifesta seu amor ao Pai e o reconhecimento de sua obra redentora e libertadora que também se realiza através dela em favor dos pobres e injustiçados. Um canto de profecia e libertação que “derruba os poderosos de seus tronos, elevando os humildes” (Lc 1,52).

Essas narrativas bíblicas do encontro de Jesus com as mulheres iluminam as realidades em que se encontram as mulheres, que se colocam nesse movimento de busca e libertação, e assim como Maria, cantam a graça da realização da promessa do Pai no seio da humanidade.

Jesus andava pelos povoados, anunciando a boa notícia, quebrando preconceitos e ideologias religiosas. Para tantas mulheres Ele foi tocando, curando, libertando e chamando para o seguimento e muitas permaneceram junto a Ele e aos doze, entre elas: Maria Madalena, Joana, Suzana e várias outras mulheres que ajudavam Jesus e os discípulos com os seus bens (Mc 15,40-41 e Lc 8,1-3).

Nessa perspectiva, podemos também trazer presente aqui, que para além do patriarcalismo bíblico, muitas exegetas conseguiram extrair das sagradas escrituras uma atuação libertadora de muitas mulheres tocadas por Deus. Lendo, estudando e atualizando textos bíblicos atrelados a esses aspectos históricos e aos direitos femininos, muitas mulheres das regiões periféricas vinculadas aos projetos vêm se colocando nesse movimento de libertação e transformação, assumindo um protagonismo, historicamente negado.

Baseado na ação libertadora de Jesus que acolhe e integra mulheres em seu movimento, este projeto idealizado com mulheres que se encontram em periferias, tem proporcionado um elo vital entre elas e as pessoas que fazem parte de suas vidas, de modo especial, com seus/as filhos/as. Sentindo-se amadas e acolhidas pelo grupo são tocadas pelas experiências das mulheres que se encontraram com Jesus e foram libertas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encontramos nos textos bíblicos que versam sobre o feminismo, interpretações importantes que se traduzem em práticas efetivas na atuação junto às mulheres, a partir das realidades dos lugares que são subalternizados pelo sistema econômico vigente, que exclui e mata a população de periferia. O chão que se pisa torna-se solo sagrado, ecoando dali as vozes daquelas que foram silenciadas pelo poder patriarcal.

As comunidades periféricas tornam-se lugares de emancipação, à medida que são oportunizados momentos de encontro, partilha de vida, formação de lideranças, estímulos ao cuidado de si e da outra/o, momentos de encontros com quem sofre das mesmas dores. A periferia subjugada é transformada, por essas mulheres, que assumem seu papel com protagonismo diante das duras realidades que afetam seu ser feminino.

Lugares de partilha em torno da Palavra de Deus tornam-se sementes geradoras de vidas. As mulheres bíblicas, a partir da experiência do encontro com Jesus, são transformadas por seu amor. Aprofundar o conhecimento destas mulheres nos encontros e

partilhas de vida, pequenos milagres de ressurreição vão acontecendo. Jesus integra, acolhe e promove. Elas se conectam com Ele, com suas próprias vidas e realidades. Esta transformação não se dá como em um passo de mágica, mas dentro de um processo, não ausente de dores e sofrimentos, no entanto, desejosas de poder se encontrar e valorizar suas próprias histórias, com passos gradativos mediante um processo de resiliência e emancipação.

Todo esse processo de busca de alternativas está diretamente ligado à proposta do Evangelho de Jesus que integra e acolhe mulheres em seu discipulado de iguais. Nós, como Irmãs da Divina Providência, a partir da opção de estarmos inteiramente ligadas às causas das/os pobres, fazemos desses momentos de encontros, espaços de nossa atuação conjunta, como mulheres consagradas. Estamos juntas a essas mulheres, aprendemos muito com elas e nossa missão é de também estar nesse movimento de luta pelos direitos que nos foram negados, durante toda história, em todas as esferas e dentro das Instituições.

Poderíamos nos perguntar: Por que, ainda hoje, somos subjugadas quando queremos participar da construção de uma sociedade mais justa e igualitária? O lugar da mulher está em qualquer lugar que ela queira estar. Sentimo-nos sempre pressionadas a lutar por nossos direitos, porque enquanto houver uma sociedade alicerçada sob os preceitos do patriarcado, as mulheres permanecerão sofrendo violências. Romper com essas estruturas de poder é nosso maior desafio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARNS, Paulo Evaristo; GORGULHO, Gilberto; FLORA, Ana Anderson. *Mulheres da bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- ARRUDA, Lúcia. *Mulheres na vida de Jesus: a história das primeiras discípulas*. São Paulo: Paulus, 2001.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *Experiência de Deus em corpo de mulher*. Rio de Janeiro: Loyola, 2002.
- BORSATO, Aurélia Silva. *A diakonia de Maria Madalena, Marta e Maria e Tabita: uma abordagem feminista em Lucas 8,1-3; 10,38-42 e Atos dos Apóstolos 9,36-43* [manuscrito] Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião, Departamento de Filosofia e Teologia, 2012.
- BOTELHO, Isabella. *Orgulho LGBTQI+*: Conheça a história do movimento por direitos. Consultado em: <https://mercadizar.com/noticias/orgulho-lgbtqi-conheca-a-historia-do-movimento-por-direitos/>.
- BRASIL, Lei nº 8.742. *Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS)*. Brasília/DF: 7 de dezembro de 1993. Brasília/DF, 4 de janeiro de 1994.
- BRASIL, *Lei 11.340/06 - Lei Maria da Penha*. Brasília/DF: 7 de agosto de 2006.
- DEAN, Jodi e Silvia Federici: *A exploração das mulheres e o desenvolvimento do capitalismo*. via Liberation School, traduzido por Debora Cunha. Lavra Palavra, 2020.
- DUCH, Luís. Hermenêutica. In: SAMANES, Cassiano F.; ACOSTA, José Tamayo. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999.
- FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.
- FEDERICI, Silvia. *Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais*. Traduzido por Heci Regina Candiani. 1ªed. São Paulo: Bomtempo, 2019.
- FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1992.
- GEBARA, Ivone. *Trindade, palavra sobre coisas velhas e novas: uma perspectiva ecofeminista*. São Paulo: Paulinas, 1994.
- NASCIMENTO, Lucila Barbalho. *A desconstrução da história androcêntrica e o empoderamento de mulheres*. XXIX Simpósio de História Nacional. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal: 2017. Consultado em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502750035_ARQUIVO_ADesconstrucaodaHistoriaAndrocetricaeeEmpoderamentodeMulheres.pdf.

SALERNO, Elisa. *Una penna inquieta*. Lettere scelte di Elisa Salerno (*Uma pena inquieta*. Cartas escolhidas de Elisa Salerno). Padova: Edizioni Messaggero, 2002.

VALERIO, Adriana. A teologia, o feminino. Florianópolis: *Rev. Estud. Fem.* [online], 2005, vol.13, n.2.